



PANDEMIA E A SAÚDE MENTAL DO PROFESSOR

Ana Abadia dos Santos Mendonça- UNIUBE (CAPES) – ana_abadia@yahoo.com.br
GT 16 – TRABALHO E EDUCAÇÃO

Resumo:

Este artigo contempla um assunto bastante discutido nos dias de hoje, por ocasião da pandemia do Coronavírus; a saúde mental do professor. Sabe-se que este assunto já está sendo discutido há vários anos e agora no início da década de 2020, ele se tornou atualíssimo por ocasião das aulas remotas que se tornaram obrigatórias por ocasião da Pandemia do COVID-19. A saúde mental é o que há de mais importante para que todo profissional possa exercer bem sua função em todo e qualquer ambiente e o professor por ter mudado drasticamente seu modo de ministrar aulas. Este estudo é uma pesquisa bibliográfica que tem como objetivos: discutir o processo de adoecimento mental dos professores por ocasião do ensino remoto, questionar a grande tensão sofrida por eles durante o seu trabalho e visualizar maneiras de como encarar esta situação com menos sofrimento mental. Ansiedade e estresse foram os que mais acometeram o professorado, levando ao adoecimento mental. O grande acúmulo de trabalho também contribuiu para eles se tornarem mais vulnerável a doenças. Preservar nossa saúde mental e física é de suma importância, pois precisamos estar bem emocionalmente para lidar com tantas adversidades que está ao nosso redor.

Palavras-chave: Adoecimento Mental. Docência. Pandemia do Coronavírus.

1 Introdução

A escola é um espaço socialmente geográfico onde a maioria das pessoas passa boa parte da vida delas. E é dentro delas que o processo ensino-aprendizagem acontece com mais frequência. Ela está em todos os lugares, no meio rural, nas cidades, nas vilas, no meio do mato, nas aldeias indígenas, ou seja, ela se encontra nas mais diversas civilizações.

A escola através da história tem exercido um papel fundamental na vida individual e coletiva dos indivíduos, se mostrando um papel de destaque para o estudo da vida em sociedade (Souza, 2004).

De acordo com Dussel e Caruso (2003), a escola na Grécia era para a elite e eram educados por tutores nas casas dos alunos. Assim o processo ensino-aprendizagem ocorria nos jardins das casas e seu objetivo era formar o homem pleno de bom caráter, com moral e honra, o que caracterizava a elite aristocrática da época.

Na idade média, as escolas eram divididas em Colégios de humanidades, onde se ensinavam principalmente a teologia e dedicavam à formação de eclesiásticos e

outras escolas de caráter técnico que atendiam indivíduos sem nenhum conhecimento para o comércio e sem futuro de uma atividade profissional (Dussel e Caruso, 2003).

Na idade moderna surgiu a concepção de que a criança precisava de uma orientação e do controle de adultos, especialmente, do Estado para que ela desenvolvesse sua personalidade. Isso porque achavam que a criança é um ser imaturo, fraco, inocente, um verdadeiro reflexo da pureza divina e que facilmente poderia ser contaminada pelos maus exemplos da sociedade (Áries, 1981).

Com a Revolução Industrial, a escola passou a estar ligada ao pensamento ideológico político e econômico, visto as relações de trabalho e o poder econômico, visto que ligada às ideias da classe economicamente dominante (Pilleti, 2003).

Nos dias atuais, a escola não é mais aquela, nem da antiguidade, nem da idade média e nem da moderna, mas todas colaboraram para a construção da que temos hoje. Como característica afim está a presencialidade dos alunos nas salas de aula, seja nas escolas regulares de qualquer nível como também nas faculdades e universidades.

Esta é uma característica marcante da escola. É nela que alunos passam uma grande parte do seu tempo, com a presença de professores e/ou responsáveis pelo processo educacional.

Para Massaguer (2002), a escola é:

[...] um ponto de encontro de pessoas de diferentes idades e procedências, com diferentes papéis, que se relacionam e que se influenciam de forma intencional, em âmbito legal, que regula parte destas relações para conseguir o desenvolvimento integral de todos (Massaguer, 2002, p. 112).

Isso ocorre porque a escola e sua prática escolar como um processo ao mesmo tempo em que é individual, ele é também social, com objetivos de desenvolvimento integral de todos os indivíduos que ali estão.

A pesquisa que foi desenvolvida é de cunho bibliográfico de caráter qualitativa e propõe os seguintes objetivos: discutir o processo de adoecimento mental dos professores por ocasião do ensino remoto, questionar a grande tensão sofrida por eles durante o seu trabalho e visualizar maneiras de como encarar esta situação com menos sofrimento mental.

2 O professor e o ensino remoto

O ensino remoto se tornou obrigatório diante da pandemia do COVID-19, com aval do Ministério da Educação e Cultura (MEC) para este momento singular que todos estão passando. Adotaram-se aulas remotas para que as atividades não fossem paralisadas e os estudantes prejudicados em seu processo de aprendizagem.

Para normalizar esse processo foi publicada a Portaria nº 343, no dia 18 de março de 2020, no Diário Oficial da União (DOU), a qual “dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19”, autorizando, em seu artigo 1º, aulas que utilizem as Tecnologias de Comunicação e de Informação (TIC), “[...] nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino”.

Inicialmente esta portaria seria por 30 dias, mas como a cenário vivenciado não foi possível, esta portaria se estende até os dias de hoje.

O ensino remoto não pode ser confundido com o ensino a distância (EaD). O modelo do ensino remoto é adotado em situações emergenciais para apoiar a aprendizagem dos educandos, mas não se configura como uma modalidade educacional com regulamentação própria, como ocorre na EaD.

A EaD é uma modalidade educacional amparada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/96), que prioriza a mediação didático pedagógica por meio de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC).

Belloni (2002) caracteriza a EaD como:

A EaD é uma modalidade de ensino, ou seja, deve ser compreendida como um tipo distinto de oferta educacional, que exige inovações ao mesmo tempo pedagógicas, didáticas e organizacionais. Seus principais elementos constitutivos (que a diferenciam da modalidade presencial) são a descontinuidade espacial entre professor e aluno, a comunicação diferida (separação no tempo) e a mediação tecnológica, característica fundamental dos materiais pedagógicos e da interação entre o aluno e a instituição. (BELLONI, 2002, p. 156).

Na EaD, há uma participação de equipes multidisciplinares: tutores, coordenadores pedagógicos, coordenadores de tutoria, e outros profissionais que é fundamental nos processos de planejamento e execução dos cursos ofertados nesta modalidade. Nela também os ambientes virtuais de aprendizagem, os recursos tecnológicos e os materiais educacionais são planejados para apoiar processos de ensino e aprendizagem mediados pelas TDIC.

Os cursos EaD precisam estar de acordo com a regulamentação proposta pelo MEC e por ele são avaliados.

Diferentemente da educação a distancia que preconiza que cada aluno possa acessar o ambiente virtual em qualquer hora e dia que aprover, a educação remota acontece nos mesmos horários, com os mesmos professores em que as aulas aconteciam na escola de modo presencial, com cada aluno no lugar onde aprover.

Arruda (2020) destaca:

A educação remota on-line digital se diferencia da Educação a Distância pelo caráter emergencial que propõe usos e apropriações das tecnologias em circunstâncias específicas de atendimento onde outrora existia regularmente a educação presencial. (ARRUDA, 2020, p. 9)

Assim, a demanda tecnológica das aulas remotas é menor, sendo possível adotar aplicativos e serviços abertos e genéricos de comunicação e interação, como Zoom, Skype e Google Hangout – embora existam soluções específicas de salas de aulas virtuais, como é o caso do Google Classroom, que, além das transmissões ao vivo, permite a disponibilização de gravações e atividades complementares. O Google Meed é uma ferramenta bastante se não a mais usada para esta demanda. As redes sociais também tiveram o seu valor, e o WhatsApp está sendo usado como uma forma de alcançar rapidamente o aluno, quando necessário.

As aulas remotas ocorrem de forma sincrônica, acontecendo ao mesmo tempo em que acontecem na sala de aula presencial, com a “presença” do professor em tempo real, com debates e discussões e as dúvidas podem ser sanadas no momento em que surgem, por vídeo ou por chat.

Na atualidade, não se concebe mais um professor que parou no tempo e não se preocupa com a formação continuada em qualquer área e as aulas remotas vieram tão somente certificar de que se docentes não estão inteirados com a tecnologia, não conseguem levar seu trabalho adiante.

Pereira (2000) afirma que os professores devem se preocupar em ter uma formação contínua, uma vez que as condições de ensino mudam constantemente, é necessário que o professor pense e repense a sua prática, tomando decisões que conduza ao seu aperfeiçoamento profissional, para que o processo de conduzir a aprendizagem possa ser dinâmico.

A relação ensino e aprendizagem é esclarecedora em Libâneo (1994):

A relação entre ensino e aprendizagem não é mecânica, não é uma simples transmissão do professor que ensina para um aluno que aprende. Portanto é uma relação recíproca na qual se destacam o papel dirigente do professor e a atividade dos alunos. Dessa forma podemos perceber que O ensino visa estimular, dirigir, incentivar, impulsionar o processo de aprendizagem dos alunos. (LIBÂNEO, 1994, p. 90)

Patrício (2005) identifica as características apontadas como sendo importantes ao ofício de ser professor, tais como: domínio de conteúdo, bom planejamento da aula, a exigência, o recurso da motivação e afetividade. Mas só estas características não bastam. É necessário também prestar atenção em outros atributos para exercer bem a profissão. Não podemos deixar de evidenciar que a pesquisa da Amaral (2005) que considera como mais importantes ao bom professor são: dinamismo, criatividade e amor à profissão.

Nóvoa (2009) afirma que não existe um modelo padrão de “bom professor” na atual sociedade. Ser conteudista hoje não se faz ser respeitado nem sábio, ele precisa agir de acordo. Para ser bom professor, é preciso saber conduzir a aprendizagem, conduzir a reflexão, aguçar a curiosidade e que a ideia de bom professor se modifica e altera de acordo com o passar do tempo.

Para Nóvoa (2008)

Um bom docente é aquele que se torna não-indispensável, que consegue que seus alunos aprendam sem a sua ajuda. Assim, os docentes desmitificam o seu próprio saber e entregam a fonte do poder ao cliente, o que outras profissões guardam zelosamente. (NÓVOA, 2008,p.232).

Corroborando com o autor acima, a questão do professor nos dias de hoje não se compara com outros tempos. A tecnologia nos ensina que o bom professor é aquele que sabe direcionar a aprendizagem diante de uma tela e esse direcionamento chegue a todos os alunos que estão ou estarão do outro lado da tela.

A educação remota é um meio importante para manter o vínculo de alunos, professores e demais servidores educacionais. Assim alunos não tendem a abandonar os estudos por não se fazer presente nas aulas presenciais.

Autores como Franciosi (2003) e Moreira (2016) são unânimes em dizer que os ambientes virtuais de aprendizagem podem ser aliados importantes na compreensão dos conteúdos curriculares e como tais devem ser usados para a compreensão dos conteúdos

ministrados pelo professor.

Assim ao conduzir as aulas através do ensino remoto, as expectativas advindas desse processo são administradas pelo professor e alunos na medida em o processo ensino–aprendizagem vai acontecendo.

O ensino remoto emergencial é uma modalidade de ensino que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e alunos e foi adotada de forma temporária nos diferentes níveis de ensino por instituições educacionais do mundo inteiro para que as atividades escolares não sejam interrompidas (BEHAR, 2020, p. s/p).

Esse distanciamento geográfico colocado pela autora foi importante para manter a escola funcionando mantendo o isolamento social, condição colocada pelos especialistas em saúde e ao mesmo tempo, alunos não perderem o contato com professores, não deixando o compromisso de uma educação sempre voltada para o aluno.

3 A pandemia e a saúde mental dos professores

Há vários anos estudos são feitos a respeito da saúde mental dos professores. Mesmo antes da pandemia do COVID-19, autores como Diehl e Marin (2016) e Tostes (2018) já mostravam preocupação nos seus estudos a respeito do adoecimento mental dos professores. Segundo os autores, isso se devia em virtude de que sua maioria não possuía vínculo empregatício, excesso de carga de trabalho. Com a pandemia do novo Coronavírus, esse adoecimento tem tido um aumento significativo, devido a mudanças bruscas e significativas no processo de ensinar.

De acordo com Schmidt (2020) os estudos ainda são poucos, mas já demonstram que o processo de ensino remoto acometeu a saúde mental de vários professores. Moreira e Rodrigues (2018) mencionam em sua obra que o contexto escolar tem provocado clima de tensão e estresse cada vez mais intensos e isto leva professores a ter uma vida profissional mais atribulada, resultando em um círculo vicioso de sofrimento, adoecimento e afastamento.

A saúde mental é compreendida com um estado de bem-estar que envolve os fatores psicológicos, físicos e sociais (LEAL et al., 2020). Desta feita, o autor coloca em ênfase que para que possamos produzir algo é necessário que tenhamos estes fatores em consonância.

A COVID-19 acarretou diversos prejuízos tanto físico, mental, social e econômico. Com ela veio uma realidade no meio educacional: o adoecimento mental.

Muitos professores em virtude do uso da tecnologia, que se tornou o único meio das aulas chegarem até aos alunos, demoraram a se adaptarem e até aprenderem a lidar com as mídias digitais, tornando o seu trabalho muito difícil e até impossível de se realizar.

Junto a tudo isso, veio o aumento de casos da doença, a grande morbimortalidade, a pressão das instituições de ensino para se adaptarem ao uso de tecnologias para continuar o processo ensino-aprendizagem, os filhos em casa também tentando aprender pelo sistema on-line, os relacionamentos com os conjuges, com os próprios filhos, as atividades domésticas e outras responsabilidades que lhe são facultadas (SHAW, 2020).

Com a pandemia do COVID-19, este quadro tornou mais abrangente devido a conjuntura do trabalho. Ritmo mais intenso do trabalho virtual, do que no convencional, mudanças bruscas de práticas que resultam em sofrimento e possivelmente o adoecimento mental.

Para Correa (2020), o processo que ora é vivenciado por todos os professores, sobrecarrega o docente, gerando a ansiedade, desenvolvendo o estresse e outros sintomas que estão relacionados à saúde mental de vários professores.

Já Pereira, Santos e Manenti (2020) coloca que a pandemia do Coronavírus, trouxe consigo para a educação e o processo educacional, elementos muito difíceis que são a constante invenção e reinvenção de metodologias para manter o mínimo de aprendizagem aos seus alunos.

Para Zaidan e Galvão (2020), os professores nunca haviam experimentado uma mudança brusca nas suas rotinas escolares, independente do seu empregador, sejam ele donos de escolas ou os governos municipal, estadual ou federal. Desta forma, os mesmos autores ainda relatam que esses mesmos empregadores, não tenham garantido uma estrutura para o teletrabalho.

Cada docente tem uma realidade diferente e isto leva a questões como cada um lida com o estresse, a ansiedade e até com as pessoas à sua volta. Em muitas ocasiões, o estresse é identificado como um gatilho que põe em risco a saúde mental da pessoa que se encontra envolta em um período delicado e muitas vezes com uma sobrecarga seja de trabalho ou de cobranças.

De acordo com Dorsch (2001), o estresse tem como sintomas as formas físicas e mentais como: nervosismo, exaustão, irritabilidade, tensão muscular, aumento das emoções, cansaço prolongado, etc. Assim, devido ao momento que estamos

vivenciando que a pandemia do COVID-19, um contexto turbulento e intenso a nossa realidade é de incertezas e tentamos a todo o momento adaptar a essa nova realidade.

4 Discussão

Pontes e Rostas (2020) são unânimes em colocar que “novos padrões laborais têm provocado instabilidade emocional e psicológica com efeitos psicossomáticos no organismo, atingindo diretamente o professor, que apesar do trabalho essencialmente intelectual sobrecarrega-se ao limite” (PONTES E ROSTAS, 2020, p. 1).

Agora, a questão que se impõe na exceção do confinamento são os meios para educar. Quase todo o debate sobre educação na pandemia se reduz às questões da educação à distância, do ensino remoto, da validação das horas e das cargas didáticas. A pandemia e o confinamento aceleraram um processo que já estava em curso de introdução mais intensiva de tecnologia na relação educativa. Como outras mudanças provocadas pela exceção do momento de confinamento e distanciamento social, também apresenta tendências de se generalizar e se tornar permanente. (CATINI, 2020, s.p.).

A instabilidade ligada ao desafio de manter o padrão de ensino-aprendizagem, em meio aos desafios de ministrar aulas via on line, visando um bom atendimento aos alunos, com uma permanente possibilidade de contrair o vírus da COVID-19, porque o professor embora não saia para lecionar, ele necessita de alimento, de suprimentos para sua vida, necessita ausentar de seu domicílio para tal, correndo o risco de se contaminar, embora tente manter todas as orientações médica e sanitárias para evitar a contaminação do Coronavírus.

Oliveira et al (2021, p. 9) destaca os impactos da Pandemia na saúde mental de professores e professoras e os desafios encontrados por eles:

Necessidade de adaptar seu material e didática ao ensino à distância, situação a que muitos não estavam familiarizados; Transformação da casa em sala de aula; Dificuldade em se desligar do trabalho; Ausência de finais de semana, e todos os dias parecendo segunda-feira; Sensação de “muita coisa para lidar ao mesmo tempo”, por não existir mais uma delimitação física entre trabalho e vida pessoal; Necessidade de conciliar o trabalho com o cuidado de suas próprias precariedade de vida de muitos alunos.

Os desafios colocados pelos autores também provocaram os sentimentos de:

Emoções como tristeza, solidão, angústia, raiva, ansiedade e frustração têm sido comuns. Cabe lembrar que essas reações são adequadas ao contexto da pandemia, mas se estiverem alcançando

níveis muito altos e difíceis de controlar, atrapalhando a realização do trabalho, os cuidados com a casa, o tempo para a família e o tempo pessoal, não hesite em procurar ajuda na rede de atenção à saúde (OLIVEIRA et al, 2021, p. 9).

Ainda de acordo com Oliveira et al (2021) estes profissionais da educação precisam de apoio socioemocional de profissionais capacitados para aliviar as suas demandas para que possam levar o processo ensino-aprendizagem aos seus alunos e saírem fortalecidos nesse momento de crise, ajudando também os estudante que também passam pelas de ansiedade.

5 Considerações Finais

A pandemia do COVID-19 acarretou muitas mudanças na vida das pessoas. Desde março de 2020, as pessoas e locais não foram os mesmos. O auto cuidado e o cuidado para com o outro, tornou-se peça fundamental para todos.

Assim os professores precisaram alterar sua rotina de trabalho e em vez do ensino presencial, diretamente nas salas de aula, todo o processo ensino-aprendizagem para a saúde mental, física e psicológica. A saúde mental deles foi bastante prejudicada e vários docentes se dispuseram até a pedir demissão, por não darem conta de ministrar aulas on line, através do ensino remoto ou teletrabalho.

Ansiedade e estresse foram os que mais acometeram o professorado, levando ao adoecimento mental. O grande acúmulo de trabalho também contribui para eles se tornassem mais vulnerável a doenças.

A saúde mental dos professores é imprescindível para que possam desempenhar bem a sua função de orientador da aprendizagem. Ainda mais agora em tempos de pandemia do COVID-19, que todo o processo educacional é feito pelo ensino remoto, onde docentes e estudantes se encontram na rede e pelo processo on line, eles devem ajustar, o professor os ensinamentos e os alunos o aprendizado colocando em discussão também suas dúvidas e angustias.

Preservar nossa saúde mental e física é de suma importância, pois precisamos estar bem emocionalmente para lidar com tantas adversidades que está ao nosso redor. Existem várias maneiras que podem nos ajudar como, fazer caminhada, correr, praticar algum esporte, ter um momento de reflexão para si e procurar fazer aquilo que gosta.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Em Rede: Revista de Educação a Distância**. v. 7, n. 1, 2020, p. 257-275. Disponível em: Acesso em: 10/07/2020.

BEHAR, Patricia Alejandra; **O ensino Remoto emergencial e o ensino a distância**, disponível : <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/> acesso em 15 de janeiro de 2021.

BELLONI, M. L. Ensaio sobre a educação a distância no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 78, p. 117-42, 2002. Disponível em: Acesso em: 19 de jul. de 2020.

BRASIL. **Portaria nº 343, de 17 de Março de 2020**. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em 22 de set. de 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394compilado.htm. Acesso em: 25 de set. de 2021.

CATINI, Carolina. O trabalho de educar numa sociedade sem futuro. Blog da Boitempo. São Paulo: jun. 2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/06/05/otrabalho-de-educar-numa-sociedade-sem-futuro/>. Acesso em: 21 de set. de 2021.

DIEHL, L.; MARIN, A. H. Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 7, nº 2, p. 64-85, dez. 2016.

DORSCH, Friedrich; HÄCKER, Hartmut; STAPF, Kurt-Hermann (Coord.). **Dicionário de psicologia Dorsch**. Petrópolis: Vozes, 2001.

DUSSEL, Inês; CARUSO, Marcelo. **A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar**. São Paulo: Moderna, 2003.

FRANCIOSI, B.R.T.I.; MEDEIROS, M. F. e COLLA, A. L. (2003) Caos, Criatividade e Ambientes de Aprendizagem. In: MEDEIROS, Marilú F.; FARIA Elaine T. (Orgs.). **Educação a Distância – Cartografias Pulsantes em Movimento**. EDIPUCRS. Cap. 7, p. 129-149.

LEAL, Luiza T. Almeida., FREITAS, C. D. R. (2020). **Saúde Mental dos Professores de uma Universidade do Rio Grande do Sul**.

<https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/2860/1/Luiza%20Tamara%20de%20Almeida%20Leal.pdf>. Acesso em 17 de setembro de 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MASSAGUER, M. A escola é nossa. O diálogo e a confiança mútua: Instrumentos para a convivência e a disciplina no Ensino Fundamental. In: ANTUNES, S. et al. **Disciplina e convivência na instituição escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2002, p.65-72.

MOREIRA, D. Z.; RODRIGUES, M. B. “Saúde mental e trabalho docente”. **Estudos de Psicologia**, vol. 23, n. 3, 2018.

MOREIRA, Patrícia Justo. **Tic na Escola Contemporânea: Possibilidades para a Prática Pedagógica Educomunicativa na Educação Básica**. Tese de doutorado. 2016. Universidade do Estado de Santa Catarina – PPGE/UDESC. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000024/0000248f.pdf>. Acesso em 25 de set. de 2021.

NÓVOA, Antônio. **Professores imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

NÓVOA, Antonio. Os professores e o novo espaço público da educação. In: TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude (Org.). **O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais**. Petrópolis: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, C. R.; Silva, B. M.; MIELKE, F. B.; BENITES, P. B.; MOREIRA, R. M.; POLETTO, S.; CUNHA, W. N. Saúde Mental na Escola em Tempos de Pandemia: Guia Prático para Professoras e Professores. 2021. Porto Alegre. Disponível em: <https://coronavirus.rs.gov.br/upload/arquivos/202103/08171456-volta-as-aulas-em-tempos-de-pandemia.pdf>. Acesso em 25 de set. de 2021.

OLIVEIRA, E. C; SANTOS, V. M. Adoecimento Mental Docente em Tempos de Pandemia / Teaching Mental Health In Pandemic Times. **Salutem Scientia Spiritus** (En línea), v. 6, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revistas.javerianacali.edu.co/index.php/salutemscientiaspiritus/article/view/2290/2863>. Acesso em 25 de set. de 2021.

PATRÍCIO, Patrícia. **São deuses os professores?** São Paulo: Papirus, 2005.

PEREIRA, H. P.; SANTOS, F. V.; MANENTI, M. A.. Saúde mental de docentes em tempos de pandemia: os impactos das atividades remotas. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 3, n. 9, p. 26-32, 2020.

PEREIRA, L. L. I. Dissertação. **Saberes do bom professor: Estudo sobre características profissionais de professores em curso de licenciatura**. Guarulhos: 2000.

PILETTI, Nelson. **Psicologia educacional**. São Paulo. Editora Ática. 2003.

PONTES, F. R.; ROSTA, M. H. S. G. Precarização do trabalho do docente e adoecimento: COVID-19 e as transformações no mundo do trabalho, um recorte investigativo. **Revista Thema**. v.18. Especial. 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Ana%20Abadia/Downloads/1923-Texto%20do%20Artigo-9477-1-10-20200921.pdf>. Acesso em 25 de set. de 2021.

SCHMIDT, B. et al. “Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19)”. **Estudos de Psicologia**, vol. 37, maio, 2020.

SHAW, K. Colleges expand VPN capacity, conferencing to answer COVID-19. **Network World (online)**, Apr 2, 2020. Disponível em: <https://www.networkworld.com/article/3535415/colleges-expand-vpn-capacityconferencing-to-answer-covid-19.html>. Acesso em: 19 de set. de 2021.

SOUZA, M. P. R. A queixa escolar e o predomínio de uma visão de mundo. In A. M. & Machado P. R. Souza (Orgs.), **Psicologia escolar: em busca de novos rumos** (pp.17-37). São Paulo: Casa do Psicólogo. 2004.

TOSTES, M. V. et al. “Sofrimento mental de professores do ensino público”. **Saúde em Debate**, vol. 42, n. 116, 2018.

ZAIDAN, J. M.; GALVÃO, A. C. “COVID19 e os abutres do setor educacional: a superexploração da força de trabalho escancarada”. In: AUGUSTO, C. B.; SANTOS, R. D. (orgs.). **Pandemias e pandemônio no Brasil**. São Paulo: Instituto Defesa da Classe Trabalhadora, 2020.